

REFLEXO DE EXTERNALIDADES SOBRE A PRODUÇÃO DE CAMARÃO NO CEARÁ

**CARLOS ALBERTO FIGUEIREDO JUNIOR; LUCIA MARIA RAMOS
SILVA; AHMAD SAEED KHAN.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARA, FORTALEZA, CE, BRASIL.

pvpslima@gmail.com

APRESENTAÇÃO ORAL

ADMINISTRAÇÃO RURAL E GESTÃO DO AGRONEGÓCIO

Reflexo de Externalidades sobre produção de camarão no Ceará

Grupo de Pesquisa: Administração rural e gestão do agronegócio

Resumo: O objetivo principal do estudo foi a identificação dos fatores limitantes e/ou externalidades que podem ter influenciado o desempenho da produção de camarão cultivado no Estado do Ceará. Os dados utilizados na pesquisa foram de origem primária e secundária. Os indicadores primários foram levantados mediante questionário. Os resultados mostraram que a produção é concentrada nos municípios de Aracati, Acaraú, Camocim e Fortim. A crise enfrentada pela atividade é decorrente de um conjunto de fatores considerados pontos críticos tais como: surgimento de doenças, restrições de órgãos de controle ambiental a novos licenciamentos que limitam novos investimentos e queda da taxa de câmbio.

Palavras chaves: carcinicultura, externalidades, fatores limitantes.

Reflex of externality on sharimp production in Ceará

Abstract: The main objective of the study was to identify the limiting factors or/and externalities that may have influenced the performance of cultivated shrimp production in the state of Ceara . The cross-section and secondary data were used . The primary indicators were obtained through the application of questionnaires. The results showed the existence of concentration of production in the counties of Aracati, Acaraú, Camocim e Fortim. The crisis faced by this activity are attributed to the following factors: appearance of diseases, restrictions imposed by controlling organs to issue new licenses that led to limit the new investments and reduction in exchange rate.

Key words: shrimp production, externality, limiting factor.

1. INTRODUÇÃO

A crescente demanda por camarão no mercado mundial, a elevada rentabilidade das empresas produtoras, bem como sua capacidade de originar renda, emprego, desenvolvimento regional e produção de divisas para os países produtores são alguns dos fatores determinantes do rápido crescimento experimentado no cultivo do camarão marinho nas duas últimas décadas (MAPA, 2001).

Após a bem-sucedida introdução da espécie *L. vannamei*, no Brasil são claramente percebidas duas fases distintas no negócio do camarão no País: a primeira, que vai de 1997 a 2003, tem como característica a rápida e contínua expansão da atividade, tanto em termos de área total cultivada, que passou de 3.548 hectares em 1997 para 14.824 em 2003, como de produção total, a qual evoluiu de meras 3.600 toneladas para 90.190 no período, o que representa aumento de mais de vinte e cinco vezes no volume produzido em apenas seis anos.

O crescimento experimentado até 2003 elevou rapidamente o Brasil à destacada posição de sexto maior produtor de camarão cultivado do mundo. Este fato ensejou a disputa judicial com os produtores norte-americanos, que acusaram os produtores do Brasil e de mais cinco países - Índia, Tailândia, Equador, China e Vietnã - de práticas de *dumping*.

O rápido crescimento da produção e das exportações do crustáceo no Ceará no período é reflexo do elevado nível de produtividade constatado nas empresas de cultivo, que chegou a 7.676 quilos de camarão por hectare cultivado em 2003. O Estado tornou-se, com efeito, um dos maiores criadores do crustáceo em viveiros, superando em produtividade o Estado do Rio Grande do Norte, pioneiro no Brasil em carcinicultura, que obteve a produtividade de 6.937 kg/ha naquele mesmo ano (CARVALHO *et al*, 2005).

O segundo momento no negócio do camarão se faz sentir a partir de 2004, quando algumas intempéries afetaram a atividade. O ano referido caracterizou-se pela redução da produção de camarão no País, Nordeste e Ceará. No Estado, houve queda na produção e produtividade das fazendas de cultivo, que levaram à diminuição da receita de exportação desse crustáceo em relação ao ano anterior.

O ano de 2005 confirmou a tendência de queda da atividade. Os números referentes a receita e volumes exportados não são mais promissores (PORTAL DO AGRONEGÓCIO, 2006)

Em decorrência da recente desaceleração desta tão importante atividade, um clima de incertezas quanto ao futuro paira sobre os agentes envolvidos, levando a falar em crise no setor, que já pode ser sentida pela quantidade de fazendas de cultivo vendidas ou simplesmente abandonadas (IBAMA, 2005a). Em razão dos fatos mencionados e da importância da carcinicultura como fonte de empregos e divisas para o Estado, considera-se importante investigar sua real situação, identificando os fatores que limitam seu desempenho.

2. OBJETIVO

Identificar os fatores limitantes e/ou externalidades que podem ter influenciado o desempenho da produção do camarão cultivado no Estado do Ceará.

3. METODOLOGIA

3.1 Área Geográfica de Estudo

Com uma área total de 146.348,3 quilômetros quadrados, o Estado do Ceará possui 573 quilômetros de costa, que se estende desde a zona oeste do Estado, até ao extremo leste,

De acordo com o IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará a taxa de crescimento médio anual foi de 3,0%,(no período de 1996-2000) superando o desempenho do Brasil e do Nordeste no mesmo período. Isto projetou o Estado em 14ª posição na economia nacional e 3ª na região.

A balança comercial do Estado, após longa trajetória de déficits, a partir de 2003, começou a apresentar saldos positivos. Vale mencionar que o agronegócio é o setor que mais contribuiu para o incremento da balança comercial do Estado, participando, em 2004, com 61,4% das exportações dos (IPECE, 2005).

3.2 Método de Análise e levantamento dos dados

Esta é uma pesquisa de cunho qualitativo, bastante utilizada em função de sua grande aplicabilidade em estudos relacionados com temáticas que requerem profundidade e subjetividade na investigação. Ademais, enfatiza processos e significados não rigorosamente examinados ou medidos em termos de quantidade, soma, intensidade ou frequência (NEVES, 1996). Assim, este tipo de investigação permite obter, com detalhes, as informações que auxiliem no entendimento do problema a ser analisado.

Foram utilizadas análises tabulares e descritivas dos dados antes e após o período da “crise” para verificar o impacto na produção provocada por variáveis exógenas

Os dados utilizados nesta pesquisa foram de origem primária e secundária Os indicadores primários foram levantados mediante dois tipos de entrevistas como descritas

a) por meio de questionários não estruturados, pelo fato de propiciarem grande amplitude de investigação (entrevista em aberto e em profundidade) permitindo, assim, a compreensão do complexo comportamento dos entrevistados, sem impor categorias que limitem o campo de investigação. Este tipo de instrumento permite utilizar roteiros que contêm tópicos cobertos durante as entrevistas, e aprofundamento destes, mediante novos questionamentos que podem surgir durante os encontros do pesquisador com os sujeitos da investigação, favorecendo a qualidade e profundidade das informações (LAZZAROTO, 2005);

b) entrevistas com uso de questionários estruturados. Segundo Godoy (apud LAZZAROTO, 2005), mesmo uma pesquisa de cunho qualitativo pode conter dados quantitativos, de modo a proporcionar o esclarecimento dos aspectos estudados. Estes questionários visaram, assim, à coleta de dados quantitativos da produção de camarão cultivado no Estado.

Na seleção dos entrevistados, levou-se em consideração a representatividade destes nessa atividade e que possuíssem fazendas de variados tamanhos, de forma que se pudesse conhecer problemas enfrentados pelos pequenos, médios ou grandes produtores.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização da Carcinicultura no Mundo

Atualmente o camarão é o produto da aqüicultura que mais se destaca no cenário mundial. A demanda deste produto nos países desenvolvidos é expressiva, com tendências de crescimento a médio e longo prazos. Ademais, a elevada rentabilidade proporcionada pelo seu cultivo atrai empreendedores de vários continentes, especialmente nos países periféricos (FAO, 2002).

A supremacia da produção sempre foi do hemisfério oriental. Houve, porém, mudanças no cenário da produção mundial com a inserção do Equador, país que se tornou referencial em carcinicultura no Ocidente e cuja presença no mercado internacional já era sentida na primeira metade da década de 1980. Esse país, que em 1997 chegou a responder por 20% da produção mundial do crustáceo em cativeiro, amargou enormes perdas a partir de 1999, causadas pelo vírus da mancha branca. Foi neste momento que o Brasil despontou no cenário mundial, com produção e produtividades crescentes, levando-o a assumir em 2003 a liderança no *ranking* produtivo do Continente Americano, (CARVALHO, 2004).

O aumento da oferta de camarão proporcionado pela aquíicultura pressionou os preços internacionais para baixo, tornando o crustáceo acessível a maior número de usuários finais, como é caso do setor de serviços alimentícios e os consumidores domésticos, fazendo com que o produto deixasse de ser privilégio das classes mais abastadas nos países centrais. O aumento na renda *per capita* verificado em algumas nações do sudeste asiático e extremo oriente também contribuiu para o aumento do consumo mundial (ABCC, 2003).

4.2 Caracterização da carcinicultura no Estado do Ceará

Como era de se esperar, os problemas enfrentados pela carcinicultura no País também foram sentidos no Estado do Ceará, o que pode ser constatado nas informações apresentadas a seguir

A Tabela 1 mostra o comportamento do número de produtores, área, produção e produtividade por município cearense nos anos de 2003 e 2004.

O Município de Aracati se destaca em vários aspectos na carcinicultura cearense. Além de concentrar a maior quantidade de produtores (havia 63 produtores em 2004), utiliza a maior área (1.182,5 ha em 2004) e obteve a maior produção nos dois anos em análise, com um total de 9.352 e 5.898 toneladas nos anos de 2003 e 2004, respectivamente (o que representa 36% e 30% do total da produção do Estado nestes anos). Logo depois posiciona-se o Município de Acaraú, com 21,2% de área ocupada, que permitiu produzir 23,4% de todo o camarão cultivado no Estado em 2004 apesar da queda na produção. Há uma diferença entre estes dois municípios produtores quanto ao tamanho de suas fazendas: Acaraú tem em média 36,6 hectares por fazenda, o dobro do tamanho médio de seus pares em Aracati. Os Municípios de Camocim e Fortim também se destacam, com área ocupada e produção acima da média estadual. Ao todo, os quatro municípios mencionados respondem por 70% da área e 66% da produção e agrupam 60% dos produtores de todo o Estado.

Por outro lado, existe grande diversidade na produtividade dos municípios em pauta, cuja média caiu substancialmente (33,5%) entre 2004 e 2003, quando se atingiu 7.676 quilos por hectare. Apenas quatro municípios em 2004 conseguiram obter uma produtividade superior à média de 2003, o que demonstra quão grande foi o impacto da crise sobre a produtividade das fazendas cearenses. Ainda existe, porém, elevado padrão de produtividade presente em alguns municípios, como Trairi, Itapipoca e Amontada. É interessante mencionar que o Estado já deteve o recorde mundial por fazenda neste quesito (SOUSA JÚNIOR, 2003). Acredita-se que o comportamento diferente da produtividade seja reflexo de variados graus de incidência de doenças nos municípios analisados

À medida que os índices de sobrevivência dos camarões nas fazendas diminuam (redução na produtividade), muitos produtores expandiram a área cultivada, que em alguns municípios chegou a aumentar mais de 50%,). Com exceção de Acaraú, os quatro maiores municípios produtores registraram reduções na produção bem maiores do que a média do Estado (-25,1%), implicando uma perda conjunta de 5.600 toneladas (que deixaram de ser produzidas), quando se compara a produção nos anos referidos.

Em diagnóstico sobre a carcinicultura cearense recentemente divulgado, o IBAMA (2005b), com base em dados coletados em 150 fazendas visitadas, constatou a geração de empregos diretos da ordem de 0,6 por hectare, em média¹.

Outro problema causado pela NIM (doença infecciosa originada pelo vírus IMNV) foi a inadimplência e a diminuição no volume de capital de giro dos produtores². A redução desse capital forçou a redução na densidade de povoamento e no auge da crise fornecedores

¹ ***Diferente da informação sobre geração de empregos constante na introdução deste trabalho, que incluía também a oferta de empregos indiretos.***

² Os entrevistados acreditam que o capital de giro dos produtores ***foi parcialmente empregado no pagamento de dívidas contraídas, levando-os***

Tabela 1 – Comparativo do número de produtores, área, produção e produtividade por município cearense nos anos de 2003 e 2004.

Estado	No. de produtores			Área (ha)			Produção (ton)			Produtividade (kg/ha/ano)		
	2003	2004	Variação(%)	2003	2004	Variação(%)	2003	2004	Variação(%)	2003	2004	Variação(%)
Acaraú	14	22	57,1	697,3	805,1	15,5	5.173	4.531	-12,4	7.418	5.628	-24,1
Amontada	1	2	100,0	62,0	114,0	83,9	558	940	68,5	9.000	8.246	-8,4
Aracati	48	63	31,3	1.030,4	1.182,5	14,8	9.352	5.898	-36,9	9.076	4.988	-45,0
Barroquinha	4	4	0,0	96,6	97,0	0,4	469	640	36,4	4.858	6.598	35,8
Beberibe	4	5	25,0	89,8	124,2	38,3	960	658	-31,4	10.694	5.300	-50,4
Camocim	8	9	12,5	382,8	426,0	11,3	2.292	1.198	-47,7	5.986	2.812	-53,0
Chaval	3	5	66,7	50,5	64,5	27,7	322	319	-0,8	6.376	4.952	-22,3
Cruz	4	1	-75,0	45,4	22,1	-51,3	244	54	-77,8	5.363	2.443	-54,5
Fortim	19	20	5,3	163,1	244,3	49,8	1.534	1.127	-26,5	9.402	4.614	-50,9
Granja	1	2	100,0	56,4	77,4	37,2	164	404	146,3	2.908	5.220	79,5
Icapuí	21	3	-85,7	58,7	44,0	-25,0	467	249	-46,7	7.956	5.659	-28,9
Itaiçaba	10	15	50,0	65,0	90,5	39,2	481	528	9,8	7.406	5.839	-21,2
Itapipoca	–	1	–	–	4,5	–	–	38	–	–	8.444	–
Itarema	4	5	25,0	57,8	68,4	18,3	536	540	0,8	9.265	7.895	-14,8
Jaguaruana	20	20	0,0	242,8	174,0	-28,3	830	710	-14,4	3.417	4.080	19,4
Paracurú	1	1	0,0	23,5	23,5	0,0	230	43	-81,2	9.787	1.839	-81,2
Paraipaba	5	5	0,0	86,3	145,5	68,6	493	864	75,3	5.713	5.940	4,0
Parajurú	1	–	–	3,0	–	–	7	–	–	2.347	–	–
Quixeré	1	1	0,0	4,0	4,5	12,5	16	25	54,4	4.000	5.489	37,2
Russas	5	5	0,0	21,3	32,9	54,5	101	130	29,2	4.732	3.957	-16,4
S.G.do Amarante	–	1	–	–	17,0	–	–	107	–	–	6.294	–
Trairí	1	1	0,0	42,0	42,5	1,2	444	400	-9,9	10.571	9.412	-11,0
Total Geral	185	191	10,2	3.376,0	3.804,4	12,7	25.915	19.405	-25,1	–	–	–
Média Geral	–	–	–	–	–	–	–	–	–	7.676	5.101	-33,5

Fonte: ABCC - Censos de 2003 e 2004

de ração foram obrigados a receber terras e camarões despescados de alguns produtores como forma de pagamento das dívidas contraídas, afetando suas finanças. Outro fato mencionado é que os exportadores de camarão deixaram de financiar os produtores, fato comum no período do *bomm* da carnicultura (2001 a 2003).

A propagação do vírus IMNV forçou os produtores a reduzir as densidades de povoamento nos viveiros, com redução mais do que proporcional no uso de ração, pois os camarões que antes se alimentavam basicamente de ração passaram a consumir também fitoplâncton. Estes fatos associados à queda nos preços levou à redução das receitas no ano de 2004.

Ademais no Ceará, como nos outros Estados produtores de camarão, o setor de pós-larvas convive com severas limitações desde novembro de 1999, quando o Governo Federal proibiu a importação de crustáceos no País, sob quaisquer formas. São frequentes as menções de produtores, como descritas a seguir, que atribuem a baixa produtividade de suas fazendas à perda da variabilidade genética dos reprodutores utilizados na larvicultura. Cavalcante *et al* (2005, p. 9) argumentam que este fato pode levar à degeneração do plantel de reprodutores devido à consangüinidade. Como resultado, já começa a ser observada no país uma queda na performance da espécie através da baixa resistência a doenças, da elevação das taxas de conversão alimentar e do aumento na duração do ciclo.

De acordo com a ABCC (2005), no ano de 2004, havia ao todo no Estado 191 fazendas, das quais 119 (62,3%) se enquadravam na categoria de pequenos negócios (fazendas de menos de 10 hectares).

Foi solicitado aos entrevistados que avaliassem – mediante a atribuição de pontuação em escala que variava de zero a dez - os principais problemas enfrentados pelo setor. O resultado aponta as restrições dos órgãos ambientais para licenciamentos como a principal barreira enfrentada, o que limita a produção e inclusive restringe o volume de financiamento para a atividade, que necessita da licença de funcionamento para esta liberação. Em segundo lugar ficaram as doenças e a queda da taxa de câmbio, ambos com média 7,9. Curiosamente, alguns produtores atribuíram pontuação mediana para o fator doenças, argumentando que é expressivo o número de fazendas que não foram afetadas pela NIM.

Em terceiro lugar com média 6,5, encontram-se os preços dos insumos como os da ração, pós-larvas e energia elétrica. Para os produtores, poderia haver redução nestes preços. A ração é citada como exemplo, uma vez que utiliza ingredientes importados, cujos preços foram reduzidos com a queda recente do dólar, o que não foi repassado para os criadores do crustáceo. Segundo os produtores, o setor fabricante de rações possui papel preponderante na atividade de cultivo de camarão, dado que os gastos com ração respondem por mais da metade dos custos totais de produção da atividade nas fazendas (MADRID, 2005).

Em quarto lugar, com média 6,0, está a qualidade dos insumos, queixa constante dos produtores, que atribuem a mortalidade dos camarões à baixa qualidade das rações e das pós-larvas comercializadas. No quesito preço do camarão, foi considerada a existência de um cartel de compradores do marisco no mercado internacional, uma vez que, apesar da melhor qualidade do camarão brasileiro, este é cotado por valor inferior ao dos produtores asiáticos. Outros problemas mencionados pelos produtores foram: a falta de informação que permeia a atividade, o descontrole sanitário nas fazendas, a falta de infra-estrutura para diagnóstico de doenças e para análise da água e solo dos viveiros e a falta de acesso ao crédito pelo pequeno produtor.

A utilização de cultivo extensivo e o cultivo de novas espécies dividiram a opinião dos entrevistados. O povoamento com menores densidades já é um recurso largamente utilizado pelos produtores como forma de reduzir os impactos da NIM. Este recurso, no entanto, se torna inviável economicamente para os pequenos produtores em razão do custo

fixo relativamente elevado. Já o cultivo de novas espécies demandaria novos estudos sobre práticas de manejo, arraçamento e reprodução, sendo por isto inviável como saída para o setor a curto prazo.

Foi apontada como alternativa para a recuperação do setor o cultivo super-intensivo em estufas, técnica já utilizada no Equador e em países da Ásia, que consiste no povoamento de viveiros à razão de 300 pós-larvas por metro quadrado de espelho d'água, com ambiente totalmente controlado, onde a temperatura da água é mantida de 30 a 34 graus Celsius, o que possibilita ao camarão aumento de 2 gramas por semana - o dobro do convencional.

A Tabela 2 ilustra os efeitos da crise sobre a produção de camarão cultivado. Foram identificadas relevantes mudanças. O percentual de 87,5% de produtores teve sua produção afetada (reduzida) e, como medida de precaução, eles reduziram as densidades de povoamento, que refletem de modo diferente nos índices de sobrevivência das larvas, conforme estágio de incidência da doença.. Considerando somente os produtores que não reduziram a área cultivada, a maior queda na produção por produtor foi de 60% do total produzido por ano, passando de 50 para as atuais 20 toneladas. Com respeito ao preço de venda (em dólar) cobrado pelos produtores, apenas 25% dos entrevistados relataram grandes reduções, sugerindo que as maiores perdas financeiras decorrem da queda da taxa de câmbio, e não do preço internacional do camarão

No quesito lucratividade, 100% dos entrevistados declararam haver sofrido perdas, com parte destes (25%) declarando que suas receitas são suficientes apenas para cobrir custos incorridos na manutenção da atividade..

Perguntados sobre suas expectativas para o negócio do camarão nos próximos anos, menos da metade dos entrevistados acredita ser necessária e urgente a intervenção do Estado, dando suporte ao setor para a reversão da presente crise. Foi mencionada também nas entrevistas a necessidade de um programa de certificação de produtores e de vendedores de insumos concebido e fiscalizado pelos órgãos públicos, dando assim mais transparência e legitimidade ao setor.

Tabela 2 – Alterações ocorridas em diversos aspectos da carcinicultura, depois da crise, segundo os entrevistados.

Aspecto analisado	Antes da crise								Depois da crise							
	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
Densidade de povoamento (pl/m ²)	53,00	100,00	45,00	65,00	60,00	50,00	60,00	50,00	12,00	30,00	25,00	42,00	45,00	28,00	40,00	50,00
Sobrevivência (%)	65,00	78,00	70,00	70,00	60,00	78,00	53,00	50,00	20,00	45,00	38,00	70,00	60,00	75,00	60,00	60,00
Área cultivada (Ha)	24,80	23,00	50,00	7,20	8,50	5,00	17,00	35,00	24,80	23,00	50,00	5,00	8,50	5,00	17,00	10,00
Produção (ton/ano)	-	276,00	300,00	65,00	9,00	50,00	150,00	120,00	-	193,00	210,00	35,00	7,40	20,00	90,00	35,00
Preço médio (US\$/kg)	-	7,00	3,40	3,10	3,00	6,00	3,50	4,80	-	3,50	3,40	3,10	3,00	3,40	3,00	4,50
Tamanho do camarão (gr)	25,00	13,50	-	12,50	12,50	12,50	15,00	18,00	11,00	13,50	-	12,50	12,50	12,50	12,50	14,00
Número de empregados	-	23,00	36,00	6,00	6,00	5,00	25,00	34,00	-	12,00	28,00	4,00	6,00	3,00	25,00	9,00
Lucratividade (%)	-	30,00	25,00	30,00	30,00	30,00	25,00	33,00	-	15,00	12,00	20,00	25,00	20,00	0,00	0,00
Ciclos/ano	-	2,00	2,50	2,00	2,00	2,50	2,00	1,00	-	2,00	2,00	2,00	2,00	2,50	2,00	1,00
Conversão alimentar	-	1,50	1,90	1,40	1,80	1,50	2,00	2,00	-	1,50	2,20	1,40	1,70	1,50	2,00	1,30

Fonte: dados da pesquisa

Nos últimos meses, houve redirecionamento de mercado, sendo priorizado o mercado europeu em detrimento do americano, em razão das taxas de *dumping* (cobradas dos importadores), o que tornou insignificante o volume do crustáceo exportado para os EUA durante o ano de 2005. É importante notar que, embora seja prática pouco utilizada, há empresas que comercializam no mercado interno (mesmo antes da crise).

Os especialistas acreditam existir abertura na Europa e em outros mercados para o camarão brasileiro beneficiado, sendo uma tendência mundial a expansão do mercado para o produto com valor agregado e a diminuição do mercado do camarão “matéria-prima”. Para o Brasil, no entanto, este é um mercado novo, que precisa ainda ser conquistado com o desenvolvimento de produtos, parcerias com clientes e investimentos tecnológicos.

O atual momento vivido pelo setor exportador é delicado. Segundo os entrevistados, durante o ano de 2005, suas empresas só conseguiram receita suficiente para a cobertura dos custos operacionais, o que, em parte, foi decorrência da queda do dólar durante o ano. Foram ressaltadas as dificuldades enfrentadas pela atividade, que em anos anteriores obtinha, em geral, elevada lucratividade.

De acordo com os exportadores, as exigências dos importadores são muitas. Dentre elas o acompanhamento e controle nas fazendas que é maior no início do ano, quando há queda na demanda do produto.

A opinião destes é de que, diante de um cenário internacional que não permite elevações nos preços, resta apenas aos produtores os benefícios advindos de avanços tecnológicos. Também lamentam a cultura individualista prevalecente no Ceará, que impede o trabalho conjunto dos vários elos da cadeia, porquanto não existem soluções individuais para o setor, senão coletivas.

Os cenários vislumbrados para o futuro próximo do negócio do camarão não se apresentam otimistas. Segundo os entrevistados, há tendência de queda no preço internacional do crustáceo em razão do possível aumento na oferta de países como Tailândia e Equador, o que em parte pode ser compensado pelo incremento do consumo interno na China, que absorveria parcialmente a produção asiática. Também não esperam recuo dos EUA nas taxas de *dumping* praticadas, as quais podem até mesmo aumentar no corrente ano. A sobretaxa americana só seria eliminada com avanços nas negociações da Alca - centro atual dos interesses americanos na América Latina. Nenhum alívio é esperado no mercado cambial, uma vez que o Banco Central brasileiro divulgou que suas intervenções neste mercado serão mínimas.

Como mencionado, grande parte do camarão produzido no Estado é exportado, ficando um percentual relativamente pequeno para ser comercializado no mercado interno. Em sua maior parte, o camarão é adquirido fresco e inteiro.

5. CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Com base nas informações e resultados alcançados, pode-se concluir:

- ✓ a produção está mais concentrada, nos últimos anos, nos Municípios de Aracati, Acaraú, Camocim e Fortim;
- ✓ a crise enfrentada pela atividade decorre de um conjunto de fatores considerados pontos críticos, tais como: surgimento da doença causada pelo vírus da NIM, restrições de órgãos de controle ambiental a novos licenciamentos que limitam novos investimentos e queda da taxa de câmbio.

Dado o exposto, o presente estudo conduz às seguintes sugestões:

- ✓ a criação de uma cooperativa para maior poder de barganha dos produtores na comercialização do produto, bem como de uma estrutura que facilite a comercialização no mercado interno;
- ✓ que o Governo Federal reconsidere as medidas de controle da importação de reprodutores, para promover o melhoramento genético da espécie cultivada; e
- ✓ devem ser revistos os critérios para novos licenciamentos, de forma a assegurar aos pequenos produtores condições para implantação de mais projetos, possibilitando assim o acesso ao crédito bancário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABCC – Associação Brasileira de Criadores de Camarão. *Mercados e Marketing de Produtos de Camarão com Valor Agregado: Uma perspectiva global*. 1 ed. Recife. 2003. 105 p.

ABCC – Associação Brasileira de Criadores de Camarão. *O Agronegócio do Camarão Marinho no Brasil em 2003*. 1 ed. Recife, 2004. 19p.

ABCC – Associação Brasileira de Criadores de Camarão. *Censo da Carcinicultura Nacional 2004*. Disponível em <<http://www.abccam.com.br>>. Acesso em: 11 dez. 2005.

ABCC – Associação Brasileira de Criadores de Camarão. *Boletim mensal - janeiro de 2006*.

CARVALHO, J. M.M. de et al. *Perspectivas para o desenvolvimento da carcinicultura no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005. 131 p.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. *The State of World's Fisheries and Aquaculture*. Roma: FAO, 2002. 92 p.

IBAMA. *Diagnóstico da Carcinicultura no Estado do Ceará*. v. 1. Brasília, 2005a. 1 CD-ROM.

IBAMA. *Estatística da pesca - 2004*. Brasília, 2005b. 1 CD-ROM.

IPECE – Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. Disponível em: <<http://www.ipece.gov.ce.br>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

LAZZAROTO, J. J. *A competitividade da cadeia produtiva da carne bovina da região de Guarapuava, PR*. SOBER, 2005. 1 CD-ROM.

MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). *Plataforma Tecnológica do Camarão Marinho Cultivado*. Departamento de Pesca e Aqüicultura. Brasília, 2001. 276 p.

NEVES, J. L. *Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades*. *Caderno de Pesquisas em Administração* Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br>>. Acesso em: 28 dez. 2005.

PORTAL DO AGRONEGÓCIO. Disponível em <<http://www.portaldoagronegocio.com.br>>. Acesso em: 16 jan. 2006.

SOUSA JÚNIOR, J. P. *Análise da eficiência da produção de camarão marinho em cativeiro no estado do Ceará*. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.